ReGeo ISSN: 2177-3246

ANTROPOFAGIZANDO O CONHECIMENTO KARAÍ: ETNOGRANDO ETNOSABERES PARA O BEM VIVER KA'APOR FACE ANTROPIZAÇÃO NA TERRA INDÍGENA ALTO TURIAÇÚ NAS ALDEIAS XIMBORENDA E GURUPIÚNA, MARANHÃO

CANNIBALIZING KARAÍ KNOWLEDGE: ETHNOPHAGIZING ETHNOS-KNOWLEDGE FOR GOOD LIVING. KA'APOR FACING ANTHROPIZATION IN THE ALTO TURIAÇU INDIGENOUS LAND IN THE XIMBORENDA AND GURUPIÚNA VILLAGES, MARANHÃO

CANIBALIZANDO EL CONOCIMIENTO KARAÍ: ETNOFAGIZANDO EL ETNOCONOCIMIENTO PARA EL BUEN VIVIR. KA'APOR FRENTE A LA ANTROPIZACIÓN EN LA TIERRA INDÍGENA ALTO TURIAÇU EN LAS ALDEAS XIMBORENDA Y GURUPIÚNA, MARANHÃO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-099

Data de submissão: 09/07/2026 **Data de publicação:** 09/08/2026

Karina Borges Cordovil
Especialista em Populações Indígenas da Amazônia
Instituição: Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-MA)
E-mail: karinapaleografia@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-1809-0334

RESUMO

O período da pandemia vivenciado no Brasil, trouxe várias dificuldades de comunicação entre as pessoas, instituições e um quadro negativo de mortes. Isso não foi diferente entre as populações indígenas, várias comunidades se reinventaram em seus processos autônomos e ancestrais para lhe dar com situações adversas e desafiadoras. Este trabalho possui como foco uma apresentar breve análise sobre este período entre os Ka'apor, mais especificamente nas Aldeias Ximborenda e Gurupiuna, no que tange a forma como eles lhe deram com tal situação, a partir do conceito de antropofagia, prática ritualística Tupinambá, que consistia captura de inimigos e consumo por parte destes dos corpos rivais, cultura ancestral que acreditava no engendramento das virtudes, força do inimigo, a partir da leitura de Metraux (1979). Assim observou-se que esta prática permeou a prática de cuidado e estudo no cotidiano Ka'apor, no fortalecimento e potencialização de uso da medicina ancestral com base em chás e em termos educacionais seu próprio empoderamento do ser Ka'apor, e sua cultura subsidiando sua educação, reemodelando seus processos educacionais ao se inserir nos diálogos em educação com não indígenas, agentes do estado, priorizando sua ancestralidade no fazer Ka'apor, intensificando processo de construção do conhecimento entrelaçado ao "jande ke jopo'i ame'ẽ aja jumu'eha kaapor sakaha tĩ", que significa "nós nos alimentamos da educação Ka'apor".

Palavras-chave: Ka'apor. Pandemia. Educação. Antropofagia.

ABSTRACT

The pandemic period experienced in Brazil brought several communication difficulties between people and institutions, and a negative picture of deaths. This was no different among indigenous populations; several communities reinvented themselves in their autonomous and ancestral processes to deal with adverse and challenging situations. This work focuses on presenting a brief analysis of this period among the Ka'apor, more specifically in the Ximborenda and Gurupiuna villages, regarding how they dealt with this situation, based on the concept of anthropophagy, a Tupinambá ritualistic practice that

consisted of capturing enemies and consuming the bodies of rivals, an ancestral culture that believed in the engendering of virtues, the strength of the enemy, based on the reading of Metraux (1979). Thus, it was observed that this practice permeated the daily care and study practices of the Ka'apor, strengthening and enhancing the use of ancestral medicine based on teas, and in educational terms, empowering the Ka'apor themselves, with their culture underpinning their education, reshaping their educational processes by engaging in educational dialogues with non-indigenous people and state agents, prioritizing their ancestral knowledge in Ka'apor practices, and intensifying the knowledge-building process intertwined with "jande ke jopo'i ame'ẽ aja jumu'eha kaapor sakaha tī", which means "we feed on Ka'apor education".

Keywords: Ka'apor. Pandemic. Education. Anthropophagy.

RESUMEN

El periodo pandémico vivido en Brasil trajo consigo diversas dificultades de comunicación entre personas e instituciones, así como un panorama desolador en cuanto a fallecimientos. Esto no fue diferente para las poblaciones indígenas; varias comunidades se reinventaron a través de sus procesos autónomos y ancestrales para afrontar situaciones adversas y desafiantes. Este trabajo se centra en presentar un breve análisis de este periodo entre los Ka'apor, más específicamente en las aldeas Ximborenda y Gurupiuna, respecto a cómo lidiaron con esta situación, basándose en el concepto de antropofagia, una práctica ritual tupinambá que consistía en capturar enemigos y consumir los cuerpos de los rivales, una cultura ancestral que creía en la generación de virtudes y la fortaleza del enemigo, según la lectura de Metraux (1979). Así, se observó que esta práctica impregnaba las rutinas diarias de cuidado y estudio de los Ka'apor, fortaleciendo y potenciando el uso de la medicina ancestral basada en infusiones. En términos educativos, empoderaba a los propios Ka'apor, con su cultura como base de su educación, transformando sus procesos educativos mediante el diálogo con personas no indígenas y agentes estatales, priorizando su conocimiento ancestral en las prácticas Ka'apor e intensificando el proceso de construcción del conocimiento, intrínsecamente ligado a "jande ke jopo'i ame'ẽ aja jumu'eha kaapor sakaha tī", que significa "nos nutrimos de la educación Ka'apor".

Palabras clave: Ka'apor. Pandemia. Educación. Antropofagia.

1 INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Alto Turiaçu[1], localiza-se no Estado do Maranhão faz parte da Amazônia Legal, atualmente o território possui cerca de 4 mil habitantes. O contexto histórico e territorial é marcado por problemáticas relacionados à antropização territorial, quando os contatos com não indígenas se intensificaram, eles fixaram-se às margens do, o contato dos Ka'apor com não indígena tem cerca de 115 anos e suas terras foram demarcadas ainda na década de 80. Estabeleceram se nestas paragens e estão até os dias atuais. Porém, essa relação até os dias atuais com os não indígenas vem causando inúmeros problemas à eles, tais como a extração ilegal de madeira, caça ilegal, pastagem e o garimpo no entorno do território.

A ação antrópica tem trazido algumas mudanças significativas no território na relação dos Ka'apor com a natureza, com os outros membros indígenas, com a escola, com saúde, nos seus afazeres cotidianos e com os próprios não indígenas, principalmente na pós pandemia, na qual os indígenas Ka'apor sofreram danos em sua saúde física e material como as doenças provenientes do vírus Sarcovs (covid 19), mortes no território e outras, - este fato não é isolado, pois está relacionado ao contexto político naquele momento. Foi através do antropismo em suas terras, que eles buscaram formas de viver ainda mais consorciadas à sua relação com a floresta, que é a de cooperação como também com os não indígenas e suas formas estruturais de trabalho conjunto com eles, seja na área da saúde, educação e território, que contribuíram para gestar nas áreas mencionadas ao território, não deixando de levar em consideração sua cultura, cosmologia, formas de ser e de viver.

Fora os impactos trazidos com a perspectiva da maneira de viver não indígena na região por meios políticos partidários, a exemplo do aumento das cidades no entorno do território, e a compressão do mesmo, influência do sistema pecuário com a criação de gados, concentração de fazendas, e o impacto causado pela pecuária nas fazendas influenciou em algumas mudanças nas relações deles com meio natural. Este contexto contribuiu com a diminuição do território e os impactos produzidos nele.

Exposto o panorama do contexto sócioetnoambiental Ka'apor, utilizamos nos neste contexto da etnografia do cotidiano Ka'apor para compreender e entender suas dinâmicas em favor do bem viver em sociedade na atualidade e de que forma eles "comem" seus processos em saúde, e principalmente em educação para sua autodefesa, autoproteção para manutenção do seu bem viver no território. Pois, as mudanças antrópicas, que ocorrem no território indígena, têm sido reelidas por eles e interpretados de maneiras diferentes no manejo, gestão e no cuidado com o território. A etnografia procurará fazer uma descrição de como os Ka'apor estão processando as relações com os não indígenas e (re)formulando suas práticas e ações em favor do seu bem viver em consonância com suas formas

[1] Para mais informações ver o site: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3575

de viver sua cultura no território.

Para isso, nos equivaleremos do uso do termo antropofagização, que derivada do conceito de antropofagia, que é um termo mencionado por Métraux (1979), de ritualística que esteve presente entre os Tupinambás no período da colonização, que consistia em "comer" a carne humana de seus adversários em rituais de captura e na forma de sociabilidade de alimentação desta carne humana para obtenção das virtudes, valores, aquisição da força de seus inimigos. A prática ritualística entre os Tupinambá, bem com o os Ka'apor estão atrelados também ao uso de artesanatos ritualísticos como uso de penas, que serviam para determinados fins dentro da cosmologia Tupinambá. Este ritual foi descrito por viajantes, cronistas no período mencionado.

Os Ka'apor são do tronco tupi, e são falantes da língua Ka'apor, a aproximação com o conceito acima, explicará através da etnografia como eles estão articulando, elaborando, sistematizando e pondo em práticas ações pelos bem viver coletivo consorciado à natureza, e tudo o que nela existe, que é a cooperação. Neste sentido se alimentar da alteridade do Outro na concepção antropofágica era assumir controle político e simbólico, referendando-se o ser indígena na sociedade Ka'apor, segundo Viveiro de Castro (2002) e (1979).

Em virtude do exposto, procurarei trazer para discussão desta proposta de trabalho o conceito ritualístico dos Tupinambá, antropofagia dentre os indígenas Tupinambá do período da colonização para analogamente compreender, entender através do método etnográfico usado na Antropologia como os indígenas Ka'apor abrangem dentro do seu contexto cultural em termos de saúde, educação e proteção territorial ações, visando atender a perspectiva local ao seu bem viver não somente em comunidade e como com a floresta, dentro da perspectiva cultural, cosmológica no território, assinalamos algumas perspectivas como aumento de aldeias nos limites territoriais, as denominadas áreas/aldeias de proteção (ka'apupytaha renda), aumento do kupixá puá (roça circular), intensificação da plantação e cultivo de plantas medicinais, aumento da guarda indígena de proteção territorial (ka'a usak ha) e uso dos conhecimentos karaí nas práticas educacionais a partir da visão Ka'apor – todas estas perspectivas assinaladas, estão em andamento no território Ka'apor, e se intensificaram no pós pandemia de forma mais autônoma nas duas aldeias mencionadas – antropofagização dos conhecimentos karaí, que hoje possuem seus próprios sistemas de gestão a administração de suas aldeias, isso também em parceria com outras instituições e com governo.

O território Ka'apor sofre processo de antropização há anos, o contato com não indígenas vem trazendo modificações na natureza. Este trabalho se utiliza da palavra antropofagização, que deriva do conceito de antropofagia, nome dado ao ritual realizado pelos Tupinambás no processo de colonização, que consistiu no "comer" carne humana dos inimigos, por parte dos Tupinambás para adquirir lhes

valores, força. Tanto é que o ritual possuía vários momentos desde a captura do indivíduo até a morte deste ser por parte do coletivo Tupinambá, envolvia um cerimonial, elementos da natureza para compor a ritualística da artesanatos, penas, confecções de vasilhas para várias utilidades – tudo possuía significados e sentidos.

As ações Ka'apor através do conceito da antropofagização, permitirá melhor entendimento da produção dos seus etnossaberes, e como estão usando estes para gestar seu próprio território, seja na área da educação, da saúde ou do território. A comparação incide dos questionamentos sobre como o Ser Indígena Ka'apor antropofagiza nas perspectivas educacionais, de saúde e do território? Como os Ka'apor reelaboram a educação karaí em consonância com a sua cultura ancestral? Como se dá na prática e na teoria em documentos elaborados em educação o pensamento Ka'apor e seu processo educacional cotidiano? Como compreendem a saúde karaí e a atrelam aos seus conhecimentos tradicionais e ancestrais? Como território está sendo gestado pelos seus guardiões? Que apoios recebem? Por quais rituais as perspectivas mencionadas perpassam para ter aceitação entre os Ka'apor?.

Os indícios das práticas educativas da educação escolar indígena em Ximborenda, por exemplo, relaciona-se à perspectiva Ka'apor e está atrelada ao novo contexto educacional – desde 2021, nas quais reafirmam suas práticas culturais e identitárias, especificamente após período da pandemia. Estas estão expressas no saber-fazer da atuação dos professores indígenas, nas práticas escolares, nas narrativas presentes no cotidiano escolar, observamos o etnossaberes, nas quais enfatiza a epistemologia a partir da concepção de mundo do povo, segundo Fernandes (2016).

A perspectiva desta pesquisa perpassará por uma descrição[2] e interpretação de informações cotidianas nas perspectivas educacionais, de saúde e ações territoriais Ka'apor na aldeias Gurupiuna e Ximborenda de forma a descrever o cotidiano dos Ka'apor em que seus conhecimentos ancestrais estão presentes, como utilizam por meio das práticas esses etnosaberes e como este está presente nas falas de diversos agentes nestas aldeias, seja na fala dos professores indígenas, da comunidade, dos agentes de saúde, dos guardiões e guardiãs, das lideranças.

A implementação do Projeto Saberes na Escola na Escola Ywituhu[3] em Ximborenda no fundamental e alguns trabalhos desenvolvidos em História e Filosofia no ensino médio tem subsidiado esta pesquisa inicial, elaborando-se um rico material de trocas de informações culturais em

[2] Sobre a "observação participante é potencialmente revolucionária porque obriga o questionamento de pressupostos teóricos sobre o mundo, mediante participação e envolvimento íntimo de longo prazo na vida de desconhecidos. Ela nos faz reconhecer que nossas concepções teóricas de mundo provêm de situações histórica, social e espacialmente particulares". Shah (2020, 378)

[3] A Escola Ywytuhu (vento forte), possui este projeto, segundo o documento um dos objetivos é "manter viva e potencializar a criatividade e imaginação do Povo Ka'apor".

consonância com a cultura Ka'apor desde a sua implementação (2021), pós pandemia que subsidiou, por exemplo, os docentes indígenas Ka'apor, no fomenta da pesquisa *in locu*, na troca de informações sobre a floresta e com o mundo não indígena, além de que fomentou a venda de sua cultura material, o protagonizou uma movimentação dos indígenas desta aldeia na construção de etnossaberes com a roda de conversas com os anciões da aldeia, estes até o momento são utilizados para diversos fins na aldeia Ximborenda, inclusive para uso medicinal e para vendas, bem como seus artesatos, neste contexto foi escokhido na Aldeia em Ximborenda para fundação do Centro de Conhecimento e Memória Ka'apor (CCMK) – Ka'apor yman ha renda ke, que tem por objetivo de incluir na Educação Básica do Pólo Maraú os conhecimentos adquiridos nas programações em educação da aldeia neste espaço, onde se faz apresentações, riausi, danças, trocas de saberes e fazeres.

O estudo de Clastres (1978) sobre as populações indígenas da América do Sul em "Sociedade contra o Estado" foi importante instrumento de compreensão das populações indígenas, ele apontou diversas etnias que foram e são estigmatizadas por não se adequarem ao contexto político organizacional do chamado Estado Nação, sabe-se que as populações indígenas possuem suas próprias formas organizações interna. Assim como o Estado possui sua estrutura organizacional, os Ka'apor também possuem sua estrutura interna, a exemplo, das lideranças indígenas que resguardam seus valores, suas tradições, crenças, histórias. Isso possivelmente é refletido em seus próprios sistemas interno de ensino, de saúde e território.

Ancestralmente as lideranças eram chamadas de tuxa[4], atualmente são lideranças e caciques[5], estes guardam o território com seus guerreiros, promovem o cuidado com a floresta com estratégias internas de proteção territorial. Atualmente os ka'a usak há ta, que são os guardiões da floresta Ka'apor na Terra Indígena Alto Turiaçú, guardam não somente a floresta, mas todos os seres que vivem nela. Fazem rondas coletivas pelos rios e por terra. A aldeia é para os Ka'apor a escola, a floresta é o ensino diário[6], a antropofogização dos conhecimentos não indígenas, ao que parece fortalece a cultura Ka'apor, seu corpo e espírito na sua forma de ser, compreender o e estar no mundo, os corposterritórios produzidos na escola vão além dos aprendizados conceituais do mundo ocidental, eles são formados para o bem viver entre os Ka'apor e com a floresta para Hampaté-Bâ (1980) "(...) o homem está ligado

[4] Para os Ka'apor, os tuxas era um tipo de liderança, que existiu há muitos anos atrás, mas que hoje não se tem mais. Pois haviam regras desde antes do nascimento para que um indígena Ka'apor se tornasse tuxa. Ele tinha artesanatos que denunciavam que ele era um tuxa, a exemplo do uso do coro do maracajá, um tipo de felino ainda existente no território.
[5] As aldeias escolhida estão inseridas no contexto sóciopolítico de cacicado e lideranças locais das aldeias Ximborenda e Gurupiuna.
[6] É o que se observa, por exemplo, na Escola Indígena Ywytuhu, localizada em Ximborenda. A floresta está na escola. Ywytuhu, é uma escola própria da comunidade e uma das mais antigas, ela foi municipalizada, depois de tantas lutas contra os Estado no Maranhão. Teve suas origens coma influencia católica e da missão evangélica como o grupo Tribos do Norte, que colaborou com o processo de alfabetização na língua materna e português para atender a perspectiva educacional naquele contexto.

à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é", embora os Ka'apor estejam imersos no contexto da escrita, eles ainda vivem na oralidade, são testemunhos vivos de um saber ancestral, que os direciona cotidianamente, nos afazeres cotidianos e nos diálogos com o mundo karaí.

O fator cultural é parte integrante das ações, atividades, da vida diária Ka'apor, Viveiros de Castro (1979) ao tratar em suas obras sobre a formação do corpo em uma determinada cultura, o Ser indígena, tece-se antes do indivíduo vir ao mundo, ele dia que fabricam-se corpos e esses corpos são manifestos dentro da convivência no seio familiar, no caso Ka'apor, com a família com a aldeia e com a floresta. Nas narrativas Ka'apor, há narrativas de que eles descendem de três árvores importantes em sua cosmologia, a presença constante em seus modos de viver e de estar no mundo coadunam com a presença de seres invisíveis, que fazem parte do cotidiano deles, manifestos em vários momentos de suas vidas.

A necessidade de antropofagizar os conhecimentos karaí para o bem viver Ka'apor se acentuou, após os desafios postos na superação de problemas enfrentados por estas aldeias, principalmente período pós-pandemia do Novo Corona Vírus, lutam por assistência médica, social , econômica e educacional. Houveram casos de falecimento de indivíduos entre os Ka'apor, dentre eles os idosos, uma das razões que levaram os Ka'apor a se autodeterminar[7] em Gurupiúna e Ximborenda[8] em suas práticas e saberes cotidiano, reinventar seus processos educacionais, territoriais e de saúde na perspectiva de melhorar seus sistemas próprios de vida dentro das aldeias e diálogo com o mundo Nõ indígena e legislações vigentes. A antropofogização, relaciona-se à prática ancestral e milenar ritualística dos Tupinambá[9] Métraux (1979), no caso dos Ka'apor está relacionada aos seus processos inventivos de produção de etnossaberes de suas práticas culturais e ritualísticas cotidianas presentes em todas as áreas da vida Ka'apor. Mas este apontamento merece investigação.

O botânico Ballee (2021) fez uma série de pesquisas que são necessárias serem analisadas, o mesmo autor tratou sobre a etnobotânica deles, eles evidenciam informações sobre cosmologia ligadas à floresta e estão presentes no cotidiano desta população até o presente. Notou-se que a floresta é uma forte aliada no modo de vida de ser Ka'apor, e está presente em todas as áreas de suas vidas. A relação

[7] *Conf*. A Convenção n° 169 sobre povos indígenas e tribais, artigo 23 "Atividades artesanais, indústrias rurais e comunitárias e atividades tradicionais e de subsistência dos povos interessados, como a caça, a pesca, a caça com armadilhas e o extrativismo, deverão ser reconhecidas como fatores importantes para a manutenção de sua cultura e para a sua autossuficiência e desenvolvimento econômico. Com a participação desses povos e sempre que possível, os governos tomarão as medidas necessárias para garantir que essas atividades sejam incentivadas e fortalecidas."

[8] O Summer Institute of Linguíst, produziu para educação escolar Ka'apor, cartilhas próprias e um dicionário produzido por Kaku Matso na década de 70 assim como materiais didáticos, a saber, Mu'eha e o Jumutar Mutar Piniha atendendo assim séries distintas de estudo. Disponível em: https://www.sil.org/resources/archives/3853

[9] "Servindo-se da carne do inimigo, não somente os Tupinambás se apropriavam de sua substância, mas, também, manifestavam a superioridade dos mesmos adversários". (Métraux, 1979, 137-138)

de cooperação entre a população Ka'apor e a floresta, sugere uma análise de aproximação com o a ideia conceitual sobre o perspectivismo ameríndio por Viveiro de Castro (1996), na qual os seres visíveis e não visíveis da floresta se entrelaçam ao cotidiano Ka'apor e consequentemente se inserem nas suas práticas cotidianas. Por isso também a necessidade desta pesquisa.

A perspectiva trazida pela pesquisadora Watts-Pow (2017), que traz uma concepção sobre o lugar-pensamento indígena, que é uma abordagem, que traz para discussão a importância das narrativas indígenas como agente operante na compreensão da concepção de um povo sobre o mundo, critica a separação que houve entre humanos e não-humanos, seres visíveis e não visíveis, as narrativas devem ser entendidas na sua integralidade e não como fragmento de uma história. Ela afirma, que os mundo não-visível agem no mundo dos homens, neste sentido as narrativas para ela fazem parte do mundo real. Por isso se faz necessária a imersão em campo, descrever os processos de antropofagização de áreas fundamentais da vida Ka'apor, junto aos interlocutores indígenas e outros. "Comer" os conhecimentos karái (branca) também é uma forma de resistir aos problemas causados pelo contato com não indígenas e seus pensamentos ocidentais. Antropofagizar conhecimentos é também uma forma de preservar sua cultura material e imaterial.

Caldas (2009), confeccionou uma proposta de dicionário da língua Ka'apor, a obra contém vários termos que traduzem as especificidades culturais do povo. Reafirma, algumas ideias em relação à cultura Ka'apor de forte aproximação com a floresta. Roy (2010), trava debate sobre questão da cultura, nos viabiliza a possibilidade de refletirmos sobre a cultura como instrumento a ser ressignificado, reelaborado e inventando cotidianamente por diversos agentes envolvidos nela e com ela. Geertz (1989), um exponencial da Antropologia, diz que ela é a ciência da interpretação e que busca responder suas questões por meio dos seus significados. A etnografia é fundamental neste contexto, uma ferramenta especial de trato com compreensão dos processos de antropofagização dos conhecimentos karaí pelos Ka'apor, vale ressaltar a experiência da pesquisa de Malinovik (1984) nas Ilhas Trobiandesas, que trouxe uma pesquisa etnográfica importante para campo antropológico. A etnografia, na perspectiva desta pesquisa procurará o compreender e descrever seus processos antropofágicos dos conhecimentos karaí pela Antropologia através do conceito da antropofagia.

A retomada da medicina tradicional com base em chás, banhos; roda de conversas com os anciões Ka'apor são uma das atividades que frequentemente tem nas aldeia. Estas observações são uma constatação, de que se precisa de uma pesquisa aprofundada, apoiada em um referencial teórico-metodológico antropológicos para fundamentá-la, e contribuir positivamente com diálogos em torno da Antropologia com interface em outras áreas de conhecimento, mas se considerando o ser indígena Ka'apor, e principalmente a compreensão e entendimento de que o tronco tupi tem uma grande

extensão de línguas e dialetos na atualidade, e que possivelmente os Ka'apor tenham mantido esta herança, antropofágica mas de outra forma, que é a de antropofagizar os conhecimentos karaí para o bem viver Ka'apor.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Etnografar, compreender e entender através do conceito de antropofagização como os conhecimentos dos karaí foi reordenado e posto em ação pelos indígenas em seu território pelos indígenas Ka'apor nas áreas da saúde, educação e território., especificamente nas aldeias Gurupiúna e Ximborenda frente à antropização de seu território através do contato com os não indígenas. Levando-se em consideração o Ser Indígena na sociedade Ka'apor, de forma a valorizar, fortalecer e preservar suas práticas socioculturais *in locu*.

A pesquisa será subsidiada por um levantamento bibliográfico, análise documental de fontes primárias e secundárias, segundo Severino (2007), este levantamento é imprescindível para analisarmos contexto da relação dos Ka'apor com os não indígenas, e verificar deste já ações antrópicas territoriais, e seus reflexos na vida dos Ka'apor na área, da educação, saúde e território e suas formas atuais de etnogestão territorial, em Gurupiúna e Ximborenda, principalmente no contexto pós pandemia e do seus processos de antropofagização do conhecimento karaí nas áreas da educação, saúde e território. As fontes são relatórios, livros, artigos.

E a etnografia, que é o método utilizado na Antropologia, consistirá em uma descrição do cotidiano Ka'apor nas aldeias Gurupiúna e Ximborenda, nas áreas da educação, saúde e território, de forma compreender e ententer através da antropofagização dos conhecimentos dos karaí como estão etnogestando seu território, ampliando seus processos educativos dentro nas escolas de ambas aldeias, reelaborando e produzindo etnossaberes, novos conhecimentos, formulando novos conceitos em educação, e análise dos processos em saúde, com a ampliação da produção de medicamentos naturais como plantas com vários fins utilizado na saúde assim como a plantação de sementes utilizadas para artesanatos, na perspectiva territorial, as descrições serão importantes para compreender as dinâmicas utilizadas por eles para proteção de seu território, consequentemente de sua cultura alimentar, que está diretamente interligada à terra, os guardiões e guardiãs Ka'apor tem feito trabalho, conjunto com outros povos – Guajajara, Awá Guajá, Tembé e instituições a fim de promover a autogovernança e guarda do território com suas formas e meios próprios, resguardando a etnobiodiversidade na Terra Indígena Alto Turiaçú são ações para o bem viver Ka'apor frente aos processos antrópicos, que vem ocorrendo no território.

Em suma este trabalho visa etnografar, identificar os avanços e dificuldades enfrentadas pelos Ka'apor no pós pandemia para etnogestar e administrar seu território, especificamente em Ximborenda e Gurupiuna em termos territoriais, educacionais e de saúde, bem como descrever mecanismos práticos e teóricos utilizados pelos Ka'apor através das antropofagização dos conhecimentos karaí formas próprias de etnogestar seu território, especificamente suas aldeias para o bem viver Ka'apor frente ao processo de antropofagização.

REFERÊNCIAS

BALÉE, William L. The persistence of Ka'apor culture. Nova Iorque, 1984. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Ciências e Artes, Universidade de Columbia. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Abalee-1984/Balee_1984_ThePersistenceOfKaaporCulture.pdf. Acesso em: 02 09 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Escritório no Brasil. Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT. Brasília: OIT, 2011.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. Uma proposta de dicionário para a Língua Ka'apór. Universidade de Brasília – UNB. Instituto de Letras – IL. Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL. BRASÍLIA/DF. Dezembro/2009.

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia, n. 32. 1979.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado [Tradução de Theo Santiago]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. INTERCULTURALIDADE E ETNOSSABERES. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 39-65, jul./dez. 2016.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou – A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

RIBEIRO, Darcy. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. 23 a 28 de agosto de 1954. Baldus, Baldus (Org) São Paulo, Volume I. Editora Anhembi. São Paulo. 1955. Disponível: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aribeiro-1955-indios/Ribeiro_1955_OsIndiosUrubus.pdf

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico, 23. Ed.rev. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WATTS-POWLESS, Vanessa. LUGAR-PENSAMENTO INDÍGENA E AGÊNCIA DE HUMANOS E NÃO-HUMANOS (A PRIMEIRA MULHER E A MULHER CÉU EMBARCAM NUMA TURNÊ PELO MUNDO EUROPEU!). Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 250, 2017. DOI: 10.22456/1982-6524.72435. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/72435. Acesso em: 23 ago. 2025.